

# Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

## Coro

Casa da Música

**Olari Elts** direção musical

**Susana Gaspar** soprano

**Joaquim Koehler** alto

**Mati Turi** tenor

**Johannes Weisser** barítono

2 Nov 2019 · 18:00 Sala Suggia

À VOLTA DO BARROCO



casa da música

MECENAS MÚSICA CORAL

**Allianz**   
**Seguros**



Maestro Olari Elts sobre  
o programa do concerto.

<https://vimeo.com/370050196>

---

## Felix Mendelssohn

*Paulus*, oratória para coro, orquestra e solistas, op. 36 (1836)

Primeira Parte (c. 70min)

Segunda Parte (c. 55min)

Listagem dos andamentos nas páginas seguintes.

Tradução dos textos originais: José Maria Pedrosa Cardoso

Legendagem: Cristina Guimarães

## Primeira Parte

1. Abertura
2. Coro “Herr, der du bist der Gott” (Senhor! Tu és o Deus criador)
3. Coral “Allein Gott in der Höh’ sei Ehr” (Só ao Deus do Céu se dê a honra)
4. Recitativo
  - soprano “Die Menge der Gläubigen” (A multidão dos crentes)
  - baixos I e II “Wir haben ihn gehört” (Ouvimo-lo blasfemar contra a lei)
  - soprano “Und bewegten das Volk” (E excitaram o povo)
5. Coro “Dieser Mensch hört nicht auf zu reden Lästerworte” (Este homem não pára de blasfemar)
6. Recitativo
  - soprano e tenor “Und sie sahen auf ihn alle” (E todos os que estavam no tribunal)
  - coro “Weg, weg mit dem” (Fora, fora com ele!)
7. Ária – soprano “Jerusalem! Die du tötest die Propheten (Jerusalém! Tu que matas os profetas)
8. Recitativo
  - tenor “Sie aber stürmten auf ihn ein” (Então precipitaram-se para ele)
  - coro “Steiniget ihn! Er lästert Gott” (Apedrejai-o! Ele blasfema)
9. Recitativo – tenor “Und sie steinigten ihn” (E apedrejaram-no)  
Coral “Dir, Herr, dir will ich mich ergeben” (Quero entregar-me a ti, Senhor)
10. Recitativo – soprano “Und die Zeugen legten ab ihre Kleider”  
(E as testemunhas depuseram as suas capas)
11. Coro “Siehe, wir preisen selig” (Eis que proclamamos felizes)
12. Recitativo – tenor “Saulus aber zerstörte die Gemeinde” (E Saulo destruiu as comunidades)  
Ária – baixo “Vertilge sie, Herr Zebaoth” (Aniquila-os, Senhor dos Exércitos)
13. Recitativo e Arioso – alto “Und zog mit einer Schar”/“Doch der Herr vergisst der Seinen nicht”  
(Foi ter com o sumo-sacerdote/O Senhor, porém, não se esquece dos seus)
14. Recitativo – tenor, baixo e coro “Und als er auf dem Weg war”/“Saul! was verfolgst du mich?”  
(E durante a sua caminhada/Saulo! Porque me persegues?)
15. Coro “Mache dich auf! Werde Licht!” (Levanta-te! Sê luz!)
16. Coral “Wachet auf! Ruft uns die Stimme” (Desperta! Chama-nos a voz das sentinelas)
17. Recitativo – tenor “Die Männer aber, die seine Gefährten waren”  
(Os homens, que eram os seus companheiros)
18. Ária – baixo “Gott, sei mir gnädig” (Ó Deus, sê benigno para mim)
19. Recitativo – tenor e soprano “Es war aber ein Jünger zu Damaskus”  
(E havia em Damasco um discípulo)
20. Ária – baixo e coro “Ich danke dir, Herr, mein Gott”/“Der Herr wird die Tränen”  
(Graças te dou, Senhor, meu Deus/O Senhor enxugará as lágrimas)
21. Recitativo – soprano e tenor “Und Ananias ging hin” (Ananias entrou na casa)
22. Coro “O welch eine Tiefe des Reichtums” (Como é profunda a riqueza)

## Segunda Parte

23. Coro “Der Erdkreis ist nun des Herrn” (A terra inteira pertence ao Senhor)
24. Recitativo – soprano “Und Paulus kam zu der Gemeinde” (E Paulo dirigiu-se às comunidades)  
[...]
27. Recitativo e Arioso – soprano  
“Und wie sie ausgesandt von dem heiligen Geist”/“Lasst uns singen von der Gnade des Herrn”  
(Enviados assim pelo Espírito Santo/Cantemos a graça do Senhor)
28. Recitativo – tenor e coro  
“Da aber die Juden das Volk sahen”/“So spricht der Herr”/“Und sie stellten Paulus nach”  
(Vendo os judeus como se juntava tanta gente/Assim fala o Senhor/Persegiram Paulo)
29. Coro “Ist das nicht, der zu Jerusalem verstörte alle?”  
(Não era este que andava em Jerusalém a matar todos?)  
Coral “O Jesu Christe, wahres Licht” (Jesus Cristo, luz verdadeira)
30. Recitativo – tenor e baixo “Paulus aber und Barnabas sprachen frei”  
(Não obstante, Paulo e Barnabé falavam livremente)
31. Dueto – baixo e tenor “Denn also hat uns der Herr geboten” (Pois assim nos mandou o Senhor)
32. Recitativo – soprano “Und es war ein Mann zu Lystra” (Havia um homem em Listra)
33. Coro “Die Götter sind den Menschen gleich geworden”  
(Os deuses tomaram a forma de homens)
34. Recitativo – soprano “Und nannten Barnabas Jupiter” (E chamavam a Barnabé Júpiter)
35. Coro “Seid uns gnädig, hohe Götter” (Sede benignos, grandes deuses)
36. Recitativo – tenor e baixo “Da das die Apostel hörten” (Ao verem isto, os Apóstolos rasgaram)  
Ária – baixo “Wisset ihr nicht” (Não sabeis)  
Coro “Aber unser Gott ist im Himmel” (Mas o nosso Deus está nos Céus)  
[...]
39. Recitativo – soprano “Und sie alle verfolgten Paulus” (E todos eles perseguiram Paulo)
40. Cavatina – tenor “Sei getreu bis in den Tod” (Sê fiel até à morte)
41. Recitativo – soprano e baixo “Paulus sandte hin” (Paulo enviou uma mensagem)
42. Coro “Schone doch deiner selbst” (Guarda-te de ti!)  
Recitativo – baixo e tenor “Was machet ihr, dass ihr weinet” (Porque chorais)
43. Coro “Sehet, welch eine Liebe hat uns der Vater erzeiget” (Vede que amor o Pai nos mostrou)
44. Recitativo – soprano “Und wenn er gleich geopfert wird” (E mesmo que ele tenha sofrido)
45. Coro “Nicht aber ihm allein, sondern allen” (Não só a ele, mas a todos)

## Felix Mendelssohn

HAMBURGO, 3 DE FEVEREIRO DE 1809

LEIPZIG, 4 DE NOVEMBRO DE 1847

Celebramos este ano o 210º aniversário do nascimento de Jakob Ludwig Felix Mendelssohn Bartholdy, mais conhecido apenas como Felix Mendelssohn. Foi uma personalidade excepcional, cujo horizonte intelectual se movimentou pelas áreas da Pintura, da Poesia, da Teologia, dos Estudos Clássicos e, naturalmente, pelo mundo da Música, onde a sua precocidade é apenas comparável à de W. A. Mozart (1756-1791). Robert Schumann refere-se a ele como o Mozart do séc. XIX. Cedo ganhou fama pelo seu virtuosismo ao piano e ao órgão, destacando-se também como executante de violino e viola de arco. Revelou capacidades precoces nas áreas da composição e da direcção de orquestra, tendo desenvolvido técnicas avançadas de ensaio e sendo dos primeiros maestros a usar a batuta, tornando a “Direcção de Orquestra” numa disciplina de estudo independente.

Iniciou os seus estudos musicais com a mãe, Lea Mendelssohn, que tinha estudado com um dos principais discípulos de Johann Sebastian Bach (1685-1750) – Johann Philipp Kirnberger (1721-1783). Também a sua tia-avó, Sara Levi, representava ainda a linhagem musical de Bach, ao ter estudado com o filho mais velho do compositor, Carl Philipp Emanuel (1714-1788), e sido mecenas de outro, Wilhelm Friedmann (1710-1784). Não admira, pois, todo o interesse e atenção que J. S. Bach e a sua obra vai despertar no jovem Felix.

O estudo, conhecimento, revisão e direcção de muitas obras de Bach e também de G. F. Händel (1685-1759), associados à decisão de interpretar a *Paixão segundo S. Mateus* com apenas 20 anos de idade, em Berlim, cons-

tituiu um marco importante na redescoberta e consequente interesse nas grandes oratórias e paixões do período Barroco, levando à recuperação deste género musical em significativas releituras, a partir da estética oitocentista.

A obra musical sacra de Mendelssohn é extensa e multifacetada: duas grandes oratórias (*Paulus e Elias*), vários motetes (*Nunc Domintis, Jubillate Deo, Tu es Petrus, Hora est, Aus tiefer Noth, Ave Maria*, 3 motetes para voz feminina e órgão, entre outros), um *Te Deum*, um *Magnificat*, vários Salmos (uns de grande dimensão para coro, solistas e orquestra, outros para *coro a cappella*), 7 cantatas, vésperas, etc.

Num momento em que a rica tradição da música sacra da Igreja Evangélica estava em crise, a actividade de Mendelssohn em Berlim e Leipzig foi um oásis, tendo desempenhado um papel muito relevante na melhoria desse cenário preocupante. A publicação do crítico e teórico musical Adolph Bernhard Marx (1795-1866), de 1855, com o título *Die Musik des neunzehnten Jahrhunderts und ihre Pflege* (A Música do Séc. XIX e o seu Cuidado), refere o declínio da música sacra da Igreja Evangélica, com uma presença cada vez menor de obras corais sinfónicas nas suas liturgias, sublinhando a excepcionalidade da actividade musical do Coro da Catedral de Berlim, criado especificamente para o trabalho desenvolvido por Mendelssohn no âmbito da música sacra, na corte do rei da Prússia, Frederico Guilherme IV, quando foi nomeado *Generalmusikdirektor* (Director Musical), em 1842. O doutoramento *honoris causa* que recebeu da Universidade de Leipzig, em Março de 1836 (ano em que conclui a composição da oratória *Paulus* que terá a sua estreia em Maio), é também um dos sinais do reconhecimento do seu trabalho neste domínio.

Mendelssohn veio a falecer inesperadamente em Leipzig, a 4 de Novembro de 1847,

com apenas 38 anos, tendo o seu funeral sido realizado na Igreja de S. Paulo onde, dez anos antes (a 16 de Março de 1837), tinha dirigido a estreia na cidade de uma das suas obras corais-sinfónicas sacras mais relevantes – a oratória *Paulus*!

Apesar da sua produção musical excepcional, quer em número, quer em qualidade e diversidade de géneros musicais, o reconhecimento do legado de Mendelssohn no contexto da música do século XIX tem sido ambivalente – desde uma exagerada adulação, a uma injusta, preconceituosa e discriminatória desvalorização. Se o reconhecimento da obra e da posição de vanguarda de Mendelssohn na cultura alemã e inglesa foi assegurado ainda em vida, tendo a sua morte precoce sido anunciada no mundo musical como o “eclipse da música” e sentida como uma tragédia internacional, muito rapidamente a sua música e a sua memória foram idealizadas e sentimentalizadas, sendo objecto de críticas que associavam o compositor à Rainha Vitória e à pomposa sociedade vitoriana, com os seus rígidos costumes impregnados de moralismo social e sexual, combinados muitas vezes com um certo fundamentalismo religioso. Na Alemanha, após a revolução de 1848, o movimento da nova *Zukunftsmusik* (“Música do Futuro” – título de uma publicação de Richard Wagner, de 1860) promovido por Wagner e seus seguidores interpretou a tendência “classicista” da sua música como desinteressante e incongruente.

A reputação póstuma de Mendelssohn também foi severamente manchada pelo clima de crescente anti-semitismo vivido na 2ª metade do séc. XIX, bem evidenciado no artigo *Das Judentum in der Musik* (O Judaísmo na Música), que Wagner publica anonimamente, em Setembro de 1850, na conhecida revista de crítica musical *Neue Zeitschrift für Musik* (Nova

Revista de Música), editada em Leipzig. No século XX, a ascensão do nazismo na Alemanha continuou este processo de desvalorização discriminatória da obra de Mendelssohn, tendo a sua música sido proibida e a estátua que lhe tinha sido erigida em frente ao Conservatório de Leipzig, por ele fundado (hoje a Escola Superior de Música e Teatro “Felix Mendelssohn Bartholdy”), removida e destruída!

Só cerca de um século depois, a Fundação *Mendelssohn Scholarship* iniciou os estudos que conduziram à descoberta da riqueza das fontes primárias sobreviventes, incluindo manuscritos, esboços, diários, pinturas e correspondência do compositor, uma quantidade substancial de informação que permaneceu inédita até ao final da década de 1990. A investigação destes materiais foi essencial para a primeira edição completa da obra musical de Mendelssohn, que veio revelar a verdadeira dimensão do seu legado.

A reposição, em Outubro de 2008, da sua estátua na cidade de Leipzig, cidade que, no dizer do compositor, “amava mais do que qualquer outra”, é reveladora, por um lado, das injustiças a que foi sujeito e, por outro, dos esforços de alguma objectividade que a já referida fundação *Mendelssohn Scholarship* e a *Felix-Mendelssohn Bartholdy Stiftung* têm realizado, na promoção e no apoio ao estudo e à análise da sua obra musical.

## Paulus

oratória para coro, orquestra e solistas, op. 36

Data de finais de 1831 a primeira referência de Mendelssohn à encomenda de uma oratória sobre S. Paulo, feita pelo director da Associação de Santa Cecília de Frankfurt, Nikolaus Schelble. Apesar de não ser explícito de quem partiu a ideia do tema, certamente que uma oratória sobre a inesperada conversão do judeu com cidadania romana, de nome Saulo, nascido na cidade de Tarso (hoje localizada na Turquia), ao novo movimento religioso, criado à volta da vida e da pregação de Jesus Cristo, e que ele próprio perseguia, teve um significado muito especial para Mendelssohn. Na verdade, a família de Mendelssohn tinha-se afastado da fé e da prática judaicas (apesar do forte legado do avô, Moisés Mendelssohn, um filósofo do iluminismo judaico e relevante estudioso do *Talmude*) e abraçado a fé cristã, segundo a confissão da Igreja Evangélica.

A experiência da visão mística de Jesus Cristo Ressuscitado quando Saulo viajava a cavalo para a cidade de Damasco, episódio pormenorizadamente descrito no livro dos Actos dos Apóstolos (que integra o Novo Testamento da Bíblia Cristã), transformou aquele militante perseguidor dos discípulos de Jesus em São Paulo, um dos mais determinantes líderes deste novo movimento, decisivo na construção dos primeiros conceitos do edifício doutrinal do Cristianismo nascente e na sua expansão para além do espaço e da cultura judaicos, o que lhe valeu o título de Apóstolos dos Gentios (pagãos, estrangeiros).

Nos inícios de 1832, em Paris, Mendelssohn começa a delinear esta oratória e a escrever o libreto, para o qual, apesar dos aprofundados estudos de Teologia que fez, necessita de ajuda, no que respeita à escolha dos textos

bíblicos que serão o seu fio condutor. Foi com o contributo de dois amigos – Adolph Bernhard Marx (1795-1866), musicólogo e crítico musical, e Julius Schubring (1806-1889), teólogo e pastor evangélico – que Mendelssohn conclui o trabalho de compilação do texto da oratória a partir de passagens bíblicas, especialmente do Novo Testamento, mas também com abundantes citações do Antigo.

De facto, a riqueza, a pertinência e a combinação dos textos bíblicos usados é notável: do Antigo Testamento surgem passagens dos livros dos profetas Isaías e Jeremias e várias citações extraídas do Livro dos Salmos (Salmos 25, 86, 89, 103 e 115); do Novo Testamento, para além do já referido Livro dos Actos dos Apóstolos (atribuído ao evangelista Lucas), surgem citações do Evangelho de S. Mateus, excertos das cartas de S. Paulo aos Romanos, da 2ª carta aos Coríntios, da 2ª carta a Timóteo, das cartas apostólicas – 1ª carta de S. João e carta de Tiago – e finalmente citações do livro do Apocalipse. É com este tecido textual bíblico que Mendelssohn constrói uma oratória que, bem mais do que narrar a história do martírio de Sto. Estevão e da vida de S. Paulo, é um hino à fé e ao testemunho convicto dos primeiros cristãos – um paradigma para a vivência empenhada da fé em todos os tempos.

Numa carta datada de 1832, que Mendelssohn dirigiu ao seu amigo Eduard Devrient (cantor barítono, argumentista e actor, que tinha cantado a parte de Cristo na apresentação da *Paixão segundo S. Mateus* de J. S. Bach em Berlim, em 1829), o compositor faz alusão à preparação desta oratória e às ideias que tem para o seu argumento e estrutura. A composição da parte musical iniciou-se em 1834 e a obra foi estreada a 22 de Maio de 1836

(domingo da Festa de Pentecostes), no Festival de Música da Baixa Renânia, em Düsseldorf.

Esta primeira oratória de Mendelssohn teve um sucesso verdadeiramente notável e ganhou um expressivo relevo internacional (como de resto, 10 anos mais tarde, a sua oratória *Elias*), tornando-se símbolo do revivalismo deste género musical. O próprio Mendelssohn dirigiu-a frequentemente em festivais e concertos, apresentando-a em Inglaterra, Dinamarca, Holanda, Polónia, Rússia, Suíça e EUA (em Boston, Nova Iorque e Baltimore, 1837, 1838 e 1839, respectivamente). A estreia inglesa foi em Liverpool, a 3 de Outubro de 1836, numa versão inglesa traduzida por Karl Klingemann (1798-1862), escritor e diplomata que frequentava a casa da família Mendelssohn.

A oratória está organizada em duas partes, cada uma delas estruturada em torno de três episódios dramáticos: a primeira parte apresenta a perseguição e o martírio de Santo Estêvão (o primeiro mártir cristão), o aparecimento de Cristo Ressuscitado perante Saulo no caminho para Damasco, a sua conversão e o Baptismo, transformando-o no Apóstolo Paulo; termina com um coro baseado na carta de S. Paulo aos Romanos, onde se exclama, em forma de conclusão: “Como é profunda a riqueza, a sabedoria e o conhecimento de Deus! Como são inexplicáveis os seus juízos e impensáveis os seus caminhos! A Ele honra e glória para sempre. Amén!”. A segunda parte da obra apresenta a missão de Paulo e Barnabé, seu companheiro de viagem, descrevendo a perseguição de Paulo pelos seus antigos correligionários e a cura do homem coxo de Listra, bem como a resistência dos pagãos (de crenças politeístas); segue-se a partida de Paulo para a cidade de Éfeso e a menção do seu martírio, concluindo

a obra com um coro final que combina textos da 2ª carta de S. Paulo a Timóteo com citações dos Salmos 103 e 115, numa leitura escatológica da morte de S. Paulo: “Não só a ele, mas a todos os que esperam a sua vinda. O Senhor pensa em nós e abençoa-nos. Louvai o Senhor! Louva o Senhor, minha alma, e tudo em mim louve o seu nome Santo.”

A estrutura formal da oratória segue de perto as *Paixões* de J. S. Bach:

- pelo uso do narrador e pela complexidade dos recitativos (apesar de, neste caso, ser um papel distribuído pelo soprano e pelo tenor, acompanhados pela orquestra e não pelo *continuo*), elemento essencial na progressão dramática e na introdução dos momentos mais sensíveis da história;

- pela expressividade e intensidade dos coros que dão voz à multidão, seja dos crentes, seja dos judeus e pagãos, aliados aos restantes momentos do coro, ora com carácter exortativo e laudativo, ora de pendor mais meditativo e suplicante;

- pela importância das intervenções solísticas, que sublinham, comentam e desenvolvem a acção;

- pela utilização de melodias corais que Mendelssohn vai buscar à tradição evangélica e que constituem uma espécie de cordão umbilical com esse legado de fé, organizando e demarcando as divisões estruturais principais da obra.

Todos estes elementos conferem unidade e genialidade musical à obra, evocando a prática de Bach, numa releitura que tem, naturalmente, a impressão digital de Mendelssohn e onde a rica variedade das intervenções corais e alguns recursos técnico-musicais, como o uso da fuga, nos fazem aproximar mais da linguagem händeliana.

Não sendo possível, neste contexto, uma análise exaustiva de todos os momentos da obra, impõem-se alguns destaques:

1. A abertura instrumental da oratória representa a luta de Paulo para o despertar da fé, através do tema do coral *Wachet auf, ruft uns die Stimme* (Acorda, a voz chama-nos!), uma composição (texto e melodia) do pastor luterano Philipp Nicolai (1556-1608), imortalizada por muitos compositores ao longo da História da Música, como é o caso de J. S. Bach na célebre Cantata 140 e na sua transcrição para órgão nos Corais *Schübler*. Esse tema é depois associado a uma fuga, rica em dissonâncias, que simboliza as tensões interiores da conversão de Paulo.

2. A já referida utilização de cinco corais antigos dos séculos XVI e XVII manifesta não apenas um tributo a J. S. Bach, mas também o símbolo de uma ligação à *vetera* tradição protestante do uso dos corais, organizando e intensificando a acção dramática. É muito variada a forma como Mendelssohn utiliza o material musical destes corais: desde o uso puramente instrumental de parte da melodia coral (como acontece na abertura da oratória) até ao tratamento mais tradicional homofónico desse mesmo coral com interlúdios instrumentais, nalguns casos sublinhado pelo brilho dos metais. O coral *Wir glauben all*, conhecido pelo Credo Luterano, sugere e evoca a doutrina paulina da justificação pela fé, tão cara ao protestantismo, e surge como o culminar desta utilização plural dos corais, através de uma complexa fuga coral apresentada após a ária do baixo na segunda parte da obra.

3. O coro conclusivo da oratória – *Nicht aber ihm allein...* (Não só a ele) – constitui um *tutti* final, reforçado por uma forte presença instrumental (contrafagote, percussão e órgão) e terminando numa fuga grandiosa e densa que

dá corpo sonoro à voz do salmista – *“Lobet den Herrn”* (Louvai o Senhor).

4. Algumas árias são absolutamente marcantes e constituem pequenas pérolas musicais ao longo da oratória:

– Na primeira parte, a ária para soprano *“Jerusalém”*, em Si bemol maior, desenvolve-se num clima de contemplação que interrompe a acção dramática com uma belíssima melodia acompanhada em tercinas pela sonoridade de flautas, clarinetes e cordas;

– A 1ª ária de S. Paulo (barítono), *“Gott, sei mir gnädig”* (Deus, tem piedade de mim), em Si menor, implora de forma muito expressiva o perdão divino depois da conversão; a 2ª ária do apóstolo, *“Ich danke Dir, Herr, mein Gott”* (Graças te dou, Senhor, meu Deus), em Lá menor, reconhece e agradece a misericórdia de Deus, com uma linha vocal repleta de lirismo e à qual o coro responde com uma dupla fuga;

– Na segunda parte destaca-se o recitativo e o arioso em Fá maior para soprano – *“Lasst uns singen von den Gnaden des Herren”* (Cantemos a graça do Senhor) –, que exaltam o envio dos apóstolos e a sua missão, apresentando o arioso uma curta mas envolvente melodia. Também o dueto em Mi maior entre o tenor e o barítono – *“Denn also hat uns der Herr geboten”* (Pois assim nos mandou o Senhor) – constitui uma página musical cheia de elegância entre os solistas e a orquestra, destacando-se a intervenção dos clarinetes, fagotes e cordas.

– Uma das cenas mais complexas é protagonizada pelo recitativo do tenor e do barítono, seguido da ária do barítono (S. Paulo) *“Wisset ihr nicht”* (Não sabeis) e terminando com a intervenção do coro *“Aber unser Gott ist im Himmel”* (Mas o nosso Deus está nos Céus), onde, num clima dramático, S. Paulo confronta violentamente os pagãos com a falsidade das suas crenças. É a oportunidade para soar o

*cantus firmus* do já referido coral *“Wir glauben all’an einen Gott”* (Cremos em um só Deus) a envolver a intervenção do coro.

Com a oratória *Paulus*, Mendelssohn oferece-nos uma obra icónica de afirmação de fé, pela conversão e pelo testemunho convicto e inabalável que pode levar à perseguição e ao martírio, personificada por duas figuras do Cristianismo nascente que marcaram a História da Igreja – Sto. Estevão e S. Paulo. Se, em muitos aspectos, podemos considerar *Paulus* uma obra historicista, noutros é claramente moderna e expressão do seu tempo. Para além do estilo melódico e da estrutura harmónica, a orquestração revela claramente a identidade musical e a genialidade de Mendelssohn que, afastando-se do estereótipo do compositor romântico, sob o ponto de vista estético se movimentou entre o Classicismo e o Romantismo musical. Os ambientes sonoros que a obra nos proporciona desenham e configuram todo o dramatismo e tensão deste momento fundador e decisivo da Igreja Cristã nascente, conferindo a esta oratória uma dinâmica expressiva apaixonante, que faz dela um dos grandes momentos da História da Música Sacra europeia.

PAULO ANTUNES, 2019

## Olari Elts direcção musical

Olari Elts conquistou grande respeito no panorama musical internacional graças ao seu estilo de programação singular e imaginativo. Trabalha regularmente com agrupamentos como a Orquestra da Gewandhaus de Leipzig, a Sinfónica Nacional Dinamarquesa, a Sinfónica da Rádio Finlandesa, a Orquestra RTÉ de Dublin, a Filarmónica da Rádio dos Países Baixos, as Filarmónicas Roterdão, Luxemburgo, Seul, Malásia e da Rádio França, as Orquestras Nacionais de França e de Lyon, as Sinfónicas de Seattle, Melbourne, BBC, Cidade de Birmingham, Porto Casa da Música e Yomiuri Nippon, a Orquestra do Festival de Budapeste e a Orquestra do Centro Nacional de Artes de Ottawa. Colabora com solistas como Jean-Efflam Bavouzet, Gautier e Renaud Capuçon, Brett Dean, Isabelle Faust, Alban Gerhardt, Martin Grubinger, Martin Helmchen, Stephen Hough, Lucas & Arthur Jussen, Kari Kriikku, Karita Mattila, Alexander Melnikov, Maxim Rysanov, Baiba Skride, Lara St. John, Simon Trpčeski e Antoine Tamastit.

Na temporada de 2019/20, Elts dirige pela primeira vez a Philharmonie Zuidnederland, a Sinfónica da Rádio de Praga e a Filarmónica de Oslo. Regressa às suas colaborações regulares com Sinfónica da Rádio Finlandesa, as Filarmónicas de Helsínquia, Tampere e Eslovénia, as Sinfónicas da Islândia e Nacional da Letónia, a Staatskapelle Weimar e a Sinfónica do Porto Casa da Música, entre outras.

A recente gravação de obras do compositor estónio Heino Eller, entre as quais o seu Concerto para violino com Baiba Skride e a Sinfónica Nacional da Estónia, foi largamente aclamada pela crítica. A discografia de Olari Elts para a Ondine inclui um disco de obras de Erkki-Sven Tüür, ao lado da Tapiola Sinfonietta, com o Concerto para viola interpretado por Lawrence Power, e ainda a edição da Sinfonia n.º 5 para guitarra eléctrica, orquestra e big band e do Concerto para acordeão *Prophecy*, ambas também de Tüür. Conquistou os maiores elogios a sua gravação de arranjos de Brahms (Detlev, Berio), de 2016, com a Filarmónica de Helsínquia. Gravou também os Concertos para violino de Borgström e Chostakovitch com Eldbjørg Hemsing e a Sinfónica de Viena para a BIS, e a Sinfonia n.º 5 de Poul Ruders com a Sinfónica Nacional Dinamarquesa para a Bridge Records.

No domínio da ópera, Elts dirigiu obras como *Eugene Onegin*, *Don Giovanni* e *Idomeneo* de Mozart, *La Damnation du Faust* de Berlioz, etc. No que respeita ao cruzamento de géneros, apresentou-se na Konzerthaus de Berlim com uma produção de teatro musical de *Sonho de Uma Noite de Verão*, combinando as obras de Mendelssohn e Shakespeare, ao lado da companhia de teatro NO99 de Tallinn. Celebrando o centenário de Leonard Bernstein, dirigiu o cine-concerto *Há Lodo no Cais* com a interpretação ao vivo da banda sonora do filme, na Casa da Música.

Olari Elts é Conselheiro Artístico da Kymi Sinfonietta e Maestro Convidado Principal da Orquestra Sinfónica Nacional da Estónia. Foi Maestro Convidado Principal da Filarmónica de Helsínquia (2011-2014) e da Orquestra de Câmara da Escócia (2007-2010), Conselheiro Artístico da Orquestra da Bretanha (2006-2011); e Maestro Titular da Orquestra Sinfónica Nacional da Letónia (2001-2006). Nasceu em Tallinn, em 1971, e é fundador do agrupamento de música contemporânea NYYD Ensemble.

Olari Elts é Conselheiro Artístico da Kymi Sinfonietta e Maestro Convidado Principal da Orquestra Sinfónica Nacional da Estónia. Foi Maestro Convidado Principal da Filarmónica de Helsínquia (2011-2014) e da Orquestra de Câmara da Escócia (2007-2010), Conselheiro Artístico da Orquestra da Bretanha (2006-2011); e Maestro Titular da Orquestra Sinfónica Nacional da Letónia (2001-2006). Nasceu em Tallinn, em 1971, e é fundador do agrupamento de música contemporânea NYYD Ensemble.

## Susana Gaspar soprano

Susana Gaspar estudou em Lisboa (Conservatório Nacional) e em Londres (Guildhall School of Music & Drama e National Opera Studio – Royal Opera House), com os apoios de Dipesh e Anne Shahk, Worshipful Company of Cordwainers, Derek Butler Trust e Fundação Gulbenkian. Recebeu o Prémio Vasconcellos. Estuda actualmente com Susan Waters. Tem sido premiada em vários concursos: Prémio Basil A. Turner (British Youth Opera) e 1º Prémio (Lieder), Prémio para Canção Portuguesa e Prémio Musical do Algarve no Concurso de Canto do Rotary Club. Foi finalista no Concurso Richard Tauber no Wigmore Hall, Medalha de Ouro no Concurso de Canto da Guildhall School of Music and Drama e representou Portugal no BBC Cardiff Singer of the World 2013.

Alguns dos seus compromissos em ópera foram os papéis de Gilda (*Rigoletto* de Verdi, Nevill Holt Opera), Mimi (*La Bohème* de Puccini, British Youth Opera de Londres e Grange Park Opera), Violetta (*La Traviata* de Verdi, Hawke's Bay Opera na Nova Zelândia), Clarice (*Il mondo della luna* de Avondano, Músicos do Tejo), Josephine (*Comedy on the Bridge* de Martinů, Teatro Nacional S. Carlos), Laetitia (*Gianni Schicchi* de Puccini, TNSC), Vi (*Blue Monday* de Gershwin, TNSC), Dircea/Mochila (*Iphigenia en Tracia* de José de Nebra, Grossmünster de Zurique), The Little Prince (*Príncipezinho* de Daniel Schvetz, Teatro da Trindade), Serpina (*La serva padrona* de Pergolesi, Conservatório Nacional de Lisboa), Euridice (*Orfeo ed Euridice* de Gluck, Convento de Mafra) e Papagena (*A Flauta Mágica* de Mozart, Quinta da Regaleira).

Participou em concertos e recitais em St. Martin in the Fields, Igreja de St. Olave, Wigmore Hall, Barbican Centre, Cadogan Hall, Winchester, Cambridge, Birmingham, Cardiff, Lisboa

(Fundação Gulbenkian, Centro Cultural de Belém, Teatro Nacional de São Carlos, etc.), Porto (Casa da Música), França, Zurique, Malásia e México.

Ingressou no Jette Parker Young Artists Programme em Setembro de 2011 e estreou-se na Royal Opera como Barbarina (*As Bodas de Fígaro*). Na Semana “Meet the Young Artists” em Linbury, cantou *Les Nuits d'été* e *Aurore* em *Le Portrait de Mano*, cuja gravação foi entretanto editada pela Opus Arte.

Entre os seus compromissos recentes e futuros inclui-se *Rigoletto* em concerto com a Sinfónica de Londres dirigida por Noseda; concertos a Filarmónica de Brighton; recitais com Gary Matthewman; uma gravação de canções de Mendelssohn com Malcolm Martineau; e Mimi para a Grange Park Opera.

## Joaquim Koehler alto

Joaquim Koehler nasceu em 2006, no Porto. Iniciou os estudos musicais aos 5 anos no Conservatório de Música do Porto. Aos 9 anos foi admitido no Curso de Canto Gregoriano, na classe de Liliana Coelho. Acumula a prática vocal com o estudo de saxofone. Em 2019 obteve o 1º Prémio de Canto no Concurso Interno no CMP. Foi protagonista na ópera *O Pequeno Limpá-Chaminés* de Benjamin Britten, realizada pelo Estúdio de Ópera do CMP. Obteve o 1º lugar no Concurso Voz Branca promovido pela Fundação Conservatório Regional de Gaia. Em consequência, participou como solista no Requiem de Fauré, no 26º Festival Internacional de Música de Gaia.

## Mati Turi tenor

O tenor estónio Mati Turi diplomou-se na Academia de Música e Teatro da Estónia em Direcção Coral (com Ants Üleoja) e Canto (com Jaakko Ryhänen).

Colaborou com o Coro de Câmara Filarmónico da Estónia (1992-2004) e começou a construir a sua carreira como cantor freelancer a partir de 2005. Ganhou reconhecimento nas principais salas de concerto europeias como tenor wagneriano. Apresentou-se no papel principal em *Tanhäuser* e foi Siegfried (*O Crepúsculo dos Deuses* no Festival de Ópera de Longborough e Nationale Reïopera, na Holanda), Paul (*Die tote Stadt* de Korngold, na Ópera Nacional Finlandesa), Don José (*Carmen* de Bizet) e Alwa (Lulu de Berg) na Kokkola Opera, Mefistófeles (*Doutor Fausto* de Busoni, na Schleswig-Holstein Landestheater), Wallenberg 2 em *Wallenberg* de Erkki-Sven Tüür (Ópera Nacional da Estónia) e cantou diversas óperas de Haydn na Nargen Opera. Em 2013, apresentou-se na Ópera Nacional da Estónia com *Tanhäuser*, na Ópera de Chemnitz com *Parsifal* e na Opera North com *Seigfried*. Canta regularmente em algumas das maiores obras corais-sinfónicas como *Das Lied von der Erde* de Mahler, as Paixões de Bach, oratórias de Händel e *Vésperas* de Rachmaninoff. Ao longo da sua carreira ao lado do pianista Martti Raide, Mati Turi apresentou e gravou música de Mahler, Wolf, Schubert, Schumann, Grieg, Sibelius, Mart Saar e Kapp.

Foi galardoado com o Prémio Cultural Anual da Estónia (2002 e 2012), Prémio para a Música da Estónia (2012), bem como o Georg Ots Award (2018).

## Johannes Weisser barítono

O barítono norueguês Johannes Weisser estabeleceu-se como um dos cantores mais entusiasmantes da sua geração. Compromissos recentes levaram-no às principais salas e festivais da Europa, tendo trabalhado com prestigiados maestros.

Johannes Weisser apresentou-se nos papéis principais na ópera *Eugene Onegin* de Tchaikovski e em *Peer Gynt* de Grieg, Germont (*La Traviata*), Don Giovanni e Leporello (*Don Giovanni*), Guilherme (*Così fan tutte*), Papageno (*A Flauta Mágica*), Don Pizarro (*Fidelio*), Schau-nard (*La Bohème*), Malatesta (*Don Pasquale*) e Mr. Flint (*Billy Budd*). Na Ópera Estatal de Berlim apresentou-se em *King Arthur* de Purcell, em 2017. Com a Orquestra Barroca de Freiburg e René Jacobs, o barítono fez uma digressão onde foi apresentada a versão original de *Leonore* de Beethoven, tendo cantado o papel de Don Pizarro.

Johannes Weisser é muito requisitado enquanto cantor de concerto e oratória, abrangendo o repertório desde o início do século XVII até às obras de Weill, Britten e compositores contemporâneos. Com a Filarmónica de Oslo cantou *Des Knaben Wunderhorn* e foi convidado pela Orquestra da Rádio Norueguesa para o ciclo *Kindertotenlieder*. Apresentou a *Missa Solemnis* de Beethoven com a Orquestra Barroca de Freiburg e *Erste Walpurgisnacht* de Mendelssohn no Klarafestival. Fez uma digressão pela Europa com a Akademie für Alte Musik Berlin para apresentar *A Paixão Segundo São Mateus*.

Johannes Weisser é igualmente procurado enquanto cantor de lied, tendo sido aclamado pelos recitais com *Dichterliebe* de Schumann e *Vinje Songs* de Grieg. Apresentou-se no Eppaner Lied Festival dirigido pela lendária

cantora Brigitte Fassbaender. As gravações das Canções de Grieg ganharam a aclamação internacional da crítica.

Premiado em inúmeros discos, Johannes participou em gravações com obras de Beethoven, Haydn, J.S.Bach, Haendel e Kleiberg, para etiquetas como a harmonia mundi e naive. Em 2013 foi nomeado para um Grammy pelo papel de David na ópera *David and Bathsheba* de Ståle Kleiberg, uma gravação com a Sinfónica de Trondheim dirigida por Tõnu Kaljuste.

Johannes Weisser estudou no Conservatório de Música de Copenhaga e na Ópera Real Dinamarquesa com Susanna Eken. Com apenas 23 anos, fez a sua estreia na ópera Nacional Norueguesa e na Komische Oper de Berlim, ambas no papel de Masetto em *Don Giovanni*.



## Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

**Baldur Brönnimann** maestro titular

**Leopold Hager** maestro emérito

**Stefan Blunier** maestro associado

**Christian Zacharias** maestro convidado  
principal designado

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihau Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Antoni Wit, Christian Zacharias e Lothar Zagrosek. Entre os solistas que têm colaborado com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Joyce Didonato, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Alina Ibragimova, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Christian Lindberg, Tasmin Little, Felicity Lott, António Meneses, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Benjamin Schmid, Simon Trpčeski, Thomas Zehetmair, Frank Peter Zimmermann ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Sir Harrison Birtwistle e Georg Friedrich Haas, a que se junta em 2019 o compositor Jörg Widmann.

A Orquestra tem-se apresentado também nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e ainda no Auditório Gulbenkian.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos Concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os CDs monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015) e Georges Aperghis (2017), além de discos dedicados a obras de compositores portugueses, todos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2019, a Orquestra apresenta obras-chave do Novo Mundo – entre as quais *Amériques* de Edgard Varèse e a *Quarta Sinfonia* de Charles Ives –, a Integral das Sinfonias de Tchaikovski, as sonoridades revolucionárias de Ligeti e novas obras de Jörg Widmann, Pedro Amaral e Clotilde Rosa.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

## Coro Casa da Música

**Paul Hillier** maestro titular

Fundado em 2009, o Coro Casa da Música apresenta-se regularmente na Casa da Música e em digressão sob a direção do seu titular, Paul Hillier. Tem sido também dirigido pelos maestros Simon Carrington, Nicolas Fink, Antonio Florio, Robin Gritton, Andrew Parrott, Marco Mencoboni, Kaspars Putniņš, Gregory Rose, James Wood, Douglas Boyd, Martin André, Baldur Brönnimann, Laurence Cummings, Olari Elts, Leopold Hager, Michail Jurowski, Christoph König, Peter Rundel, Vassily Sinaisky, Takuo Yuasa, Paul McCreesh e Stefan Blunier, a que se junta em 2019 a estreia da maestrina Sofi Jeannin. Eclético no seu repertório, o Coro é constituído por uma formação regular de 18 cantores, a qual se alarga a formação média ou sinfónica em função dos programas apresentados.

Colaborou com os agrupamentos instrumentais da Casa da Música na interpretação de obras como *Gurre-Lieder* de Schoenberg, *Te Deum* de Bruckner, *As Estações* e *A Criação* de Haydn, *Missa em Si menor* de Bach, Sinfonias de Mahler, *Missa em Dó menor* e *Requiem* de Mozart, *O Cântico Eterno* de Janáček, *Sinfonia Coral* e *Missa Solemnis* de Beethoven, *Requiem Alemão* de Brahms, *Messias* de Händel, *Te Deum* de Charpentier, *Oratória de Natal*, *Magnificat* e *Cantatas* de Bach, *História de Natal* de Schütz, *Requiem* de Verdi, *Missa para o Santíssimo Natal* de Alessandro Scarlatti, grandes obras corais-sinfónicas de Prokofieff e Chostakovitch e *Requiem* de Schnittke.

A música portuguesa tem sido um dos focos de atenção do Coro, com programas dedicados ao período de ouro da polifonia renascentista, a Lopes-Graça ou a obras corais-sinfónicas

como o *Requiem à memória de Camões* de Bomtempo e o *Te Deum* de António Teixeira. As criações dos séculos XX e XXI têm também um peso importante no seu repertório, com obras de Lachenmann, Schoenberg, Stockhausen, Gubaidulina ou Cage, e as estreias nacionais de *Wohin bist du gegangen?* de Georg Friedrich Haas, *Stabat Mater* de James Dillon e *Moth Requiem* de Harrison Birtwistle.

Na temporada de 2019, o Coro Casa da Música celebra o seu 10º aniversário com uma viagem através dos tempos que passa pela polifonia renascentista, marcos incontornáveis do Barroco e do Romantismo e a música escrita nos nossos dias. Apresenta obras emblemáticas da música sacra junto dos agrupamentos instrumentais da Casa da Música, entre as quais as *Vésperas* de Monteverdi, a *Missa n.º 5* de Schubert, o *Stabat Mater* de Dvořák e a oratória *Paulus* de Mendelssohn. Dos programas *a cappella*, destaca-se a estreia portuguesa de uma encomenda da Casa da Música a Michael Gordon, além de obras de Kaija Saariaho e Karin Rehnqvist.

O Coro Casa da Música faz digressões regulares, tendo actuado no Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza (Espanha), no Festival Laus Polyphoniae em Antuérpia, no Festival Handel de Londres, no Festival de Música Contemporânea de Huddersfield, no Festival Tenso Days em Marselha, nos Concertos de Natal de Ourense e em várias salas portuguesas.

## Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

### Violino I

Maaria Leino\*  
André Gaio Pereira\*  
Evandra Gonçalves  
Tünde Hadadi  
Ianina Khmelik  
Emília Vanguelova  
Maria Kagan  
Roumiana Badeva  
Vladimir Grinman  
Alan Guimarães

### Violino II

Ana Madalena Ribeiro  
Nancy Frederick  
Pedro Rocha  
José Paulo Jesus  
Francisco Pereira de Sousa  
Domingos Lopes  
Paul Almond  
Jorman Hernandez\*  
Mafalda Vilan\*  
Ana Luísa Carvalho\*

### Viola

Mateusz Stasto  
Isabel Pereira\*  
Biliana Chamlieva  
Francisco Moreira  
Rute Azevedo  
Emília Alves  
Hazel Veitch  
Jean Loup Lecomte

### Violoncelo

Feodor Kolpachnikov  
Bruno Cardoso  
Hrant Yerosyan  
Gisela Neves  
Michal Kiska  
Sharon Kinder

### Contrabaixo

Rui Rodrigues  
Tiago Pinto Ribeiro  
Nadia Choi  
Joel Azevedo

### Flauta

Ana Maria Ribeiro  
Alexander Auer

### Oboé

Tamás Bartók  
Roberto Henriques

### Clarinete

Carlos Alves  
João Moreira

### Fagote

Gavin Hill  
Liliana Reis\*  
Vasily Suprunov

### Trompa

Nuno Vaz  
Hugo Carneiro  
Eddy Tauber  
Bohdan Sebestik

### Trompete

Luís Granjo  
Rui Brito

### Trombone

Dawid Seidenberg  
Rui Pedro Alves\*  
André Conde\*

### Tuba

Erhard Schwartz\*

### Tímpanos

Bruno Costa

### Órgão

Luís Filipe Sá\*

\*instrumentistas convidados

## Coro Casa da Música

### Sopranos

Alexandra Moura  
Carla Pais  
Cristina Pamplona  
Eva Braga Simões  
Fabiana Magalhães  
Luísa Barriga  
Joana Pereira  
Rita Venda  
Paula Ferreira  
Teresa Milheiro

### Contraltos

Ana Calheiros  
Bárbara Luís  
Brígida Silva  
David Hackston  
Gabriela B Simões  
Iris Oja  
Joana Guimarães  
Joana Valente  
Marta Marques

### Tenores

Almeno Gonçalves  
Bernardo Pinhal  
Gonçalo Limpo Faria  
Fábio Borges  
Pedro S. Marques  
Ricardo Leitão Pedro  
Tiago Oliveira  
Vitor Sousa

### Baixos

André Carvalho  
João Barros Silva  
Luís Pereira  
Nuno Mendes  
Pedro Guedes Marques  
Pedro Lopes  
Ricardo Rebelo da Silva  
Ricardo Torres  
Tomé Azevedo

### Maestrina co-repetidora

Iris Oja

### Pianista acompanhador

Luís Duarte

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA  
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL  
CASA DA MÚSICA

